

ANCORANDO QUADROS DE FORMATURA NA HISTÓRIA INSTITUCIONAL

WERLE, Flávia Obino Corrêa – UNISINOS

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: CNPq

O universo fotográfico está em constante flutuação e uma fotografia é constantemente substituída por outra. Aparecem semanalmente novos cartazes sobre os muros, novas fotografias publicitárias nas vitrines, novos jornais ilustrados, diariamente nas bancas. Não é a ‘determinadas’ fotografias que estamos habituados. Trata-se de um novo hábito: o universo fotográfico habitua-nos ao ‘progresso’. Já não nos apercebemos dele. Se, de repente, os mesmos jornais aparecessem diariamente nas nossas salas ou os mesmos cartazes semanalmente sobre os muros, aí, sim, ficaríamos comovidos. (FLUSSER, 1998, p. 82)

Flusser ressalta a evidência da fotografia no nosso cotidiano e sua posição efêmera, substituível e ao mesmo tempo profusa no mundo atual. A fotografia digital amplia esta característica de constante presença que associa a substituição, a produção e a multiplicidade de imagens com dinâmica e com progresso. Faz parte da ecologia da sociedade atual a abundância imagética e, quanto mais imagens são produzidas, menos importantes cada uma delas se torna. Pela saturação produz-se a descartabilidade. Deletar uma fotografia digital não tem sequer o impacto de *lançar um documento ao fogo ou ao lixo*. A multiplicidade de fotografias não datadas, desordenadas, indica documentos efêmeros tanto para seus autores como para os fotografados. A imagem digital questiona e tende a posicionar a fotografia e o álbum fotográfico tradicional (com fotos coladas numa cartolina, sustentadas por cantoneiras de papel, ou introduzidas em plástico transparente) para o âmbito do superado, do fora de uso.

Cercados pela fotografia, pela imagem e pelo mundo digital em nossa vida pessoal, nas relações sociais e institucionais, percebemos, mais facilmente, a sua banalização como documento.

Flusser (1998) VÊ duas revoluções fundamentais na estrutura cultural, uma decorrente da *invenção da escrita linear* e outra a da *invenção das imagens técnicas*. Este texto inicia nas cercanias da segunda revolução, analisando o impacto da invenção/apropriação das imagens fotográficas e sua composição em cenas/quadro que se congelam e mantêm nas instituições escolares, contribuindo para a representação e identidade institucional.

Hoje as fotografias não têm mais a função de representar; funcionam como biombos que mascaram o mundo, uma forma de alucinação, uma nova idolatria, as pessoas passam a viver em função das imagens. Não é incomum acompanharmos, nos dias de hoje, formaturas nas quais, durante o evento, os formandos têm que reter a marcha, entre a

cadeira e a mesa oficial frente a qual diplomam-se, para serem fotografados, interrompendo a fluidez da caminhada, do estar e viver o evento.

A reflexão deste texto inicia por um momento histórico anterior (início do século XX), em que a fotografia em quadros de formatura era tratada como ação consciente de cristalização da história institucional escolar, acontecimento ao mesmo tempo único e modelar, congelamento de fatos no tempo, mantida como importante presença na materialidade institucional. Com o progresso técnico, a fotografia se aproxima da documentação ordinária sendo descartável entretanto, neste trabalho, a mesma é discutida, como documento inusual, preservando momentos únicos.

Sendo os quadros e álbuns de formatura polissêmicos e ambíguos, a escrita deste texto indica sentidos que os mesmos podem tomar frente às instituições escolares, procedendo à sua ancoragem (PENN, 2002, p. 322) no contexto. Ancoragem¹ implica contextualização da imagem, atribuição e detalhamento de significados e é isso que realizamos, dando-as a ver, não lhes atribuindo um estatuto menor ou considerando-as como fontes acessórias mas, com capacidade de contribuir para configurar a cultura e descrever subjacentes lógicas institucionais.

O poder das imagens não reside num valor qualquer que as caracterize a priori (estético, mimético, etc.), mas antes no valor das interpretações a que está sujeita em diferentes momentos por diferentes observadores (PAULO, 1998, p. 126).

Instituições reafirmam-se em quadros

A História das Instituições Escolares é entendida com base em Werle (2004), como uma representação da escola expressa sob a forma de síntese narrativa construída a partir da análise de documentos. As fontes para a realização da história de instituições escolares são de variados tipos, registros que podem ser utilizados como indícios de tal história (SAVIANI, 2004). Discutimos a história institucional a partir dos quadros que agrupam fotografias de várias pessoas que marcaram, em conjunto, a vida da escola. Os quadros de formatura e os álbuns de fotografias serão discutidos como representações de momentos da história institucional e como *monumentos* que atestam seu projeto formativo: a conclusão do curso em sua solenidade de formatura. Esta, a ancoragem a que nos referimos no título.

¹ “o ato de pôr em relação grandezas semióticas pertencentes quer a duas semióticas diferentes (a imagem publicitária e a legenda, o quadro e seu nome), quer a duas instâncias discursivas distintas (texto e título): a ancoragem produz o efeito de transformar uma das grandezas em referência contextual, permitindo, assim, desambigüizar a outra” (GREIMAS, COURTÉS, 1979, p. 21).

A formatura é uma prática ritualizada que expressa a cultura escolar institucionalizada. Como símbolos rituais os quadros de formatura situam-se numa abordagem de história da cultura de instituições escolares. Os símbolos rituais são um instrumental que possibilita modelar a realidade, instrumentos mediadores com sentido subjacente ou de teor subjetivo e que articulam as dimensões normativa e afetiva, podendo “*condensar a representação de muitas coisas através de uma única formulação, de unificar significados discrepantes e polarizar significados ...*” (Turner, apud MCLAREN, 1991, p. 33). Os símbolos integram significados e têm o poder de estruturar a imaginação (Baum, apud MCLAREN, 1991, p. 33).

A abordagem cultural das instituições escolares considera-as como coletividades sociais nas quais as pessoas desenvolvem padrões ritualizados de comunicação (Kreps, apud GONZÁLEZ, 1989, p. 107), são construções sociais únicas pelo partilhar de símbolos, significados, crenças e valores em comum. Tal perspectiva cultural identifica regras e convenções de condutas que formatam processos sociais, o que os torna inteligíveis para as pessoas que constituem a organização e para o mundo exterior.

Uma formatura é um importante momento no funcionamento das instituições escolares, destacada referência por comprovar os atos pedagógicos de sucesso processados em seu interior. Ela é o momento final de um processo de formação, significando uma graduação, um avanço reconhecido publicamente na escala de escolaridade, que diferencia os que a obtiveram das demais pessoas e que, no caso de cursos de formação profissional, marca uma prerrogativa de trabalho.

A conclusão de uma etapa de formação comemorada como formatura é um evento.

Uma festa se caracteriza sempre, em primeiro lugar, pelo prazer, pela alegria e pela expansão dos sentimentos que nela tem lugar. E sentimentos não são categorias racionalizáveis, de contornos claros e definidos. O campo das emoções e dos afetos, essencial ao mundo festivo, é, por isso mesmo, difícil de delimitar e de abordar (CHAMON, 2002, p. 17)

Diversos elementos compõem a ritualidade da conclusão de curso, articulados a *status* social, condições econômicas das famílias e importância da escola em que o curso foi realizado e do título obtido. São objetos e relações variadas: anéis, solenidades festivas em auditórios com convidados, discursos (CUNHA, 2002; NASCIMENTO, DANIEL, 2002), paraninfos, bailes, missas de ação de graças, roupas especiais – smoking, toga e beca -, homenageados, fotografias, presentes, flores, diplomas, dentre outros tantos aparatos e

símbolos que compõem o ato de conclusão de um curso e sua comemoração ritual.

A formatura escolar é um dos rituais de iniciação ainda exercidos com certa pompa e monumentalidade nas sociedades ocidentais; são mesmo momentos especiais, construídos pelas sociedades e, via de regra, regulados pelas instituições que as promovem. Envolvem solenidades com rituais específicos de celebração: convites impressos, ofícios religiosos, cerimônia de colação de grau/entrega do diploma – onde são proferidos os discursos (CUNHA, 2002, p. 79).

Os quadros² que aqui discutiremos têm uma característica marcante: são referidos a escolas, guardam a individualidade das pessoas fotografadas e mantém claro o significado de grupo. Não são uma foto de várias pessoas. Há uma articulação de grupo pelo enquadramento, a moldura.

Material empírico: origens e quantitativo

Os 47 quadros de formatura analisados neste texto, originários de dois colégios³ masculinos e duas escolas femininas. Os quadros de formatura abrangem o período de 1909 a 2001. Há um quadro de formandos de 2001 – Colégio Sévigné – que foge das características aqui analisadas pois apresenta fotografias de grupo e não individualizadas dos formandos, por isto não o incluiremos nessa análise.

Analisamos todos os dados de cada um dos quadros organizando tabelas, identificando-os por escola, data, lema, curso, demais mensagens escritas, além de forma, moldura e suporte (alguns quadros existem apenas sob a forma de fotografias).

São também material empírico deste estudo 3 álbuns de fotografias de ex-alunas posteriormente descritos. Foram analisados também 4 *Livros de formatura* dos anos 1998 e 99, 2000 e 2001, do Colégio Anchieta.

2 Encontramos também a referência a tais quadros (na composição semelhantes aos de formatura) no registro da história de outros tipos de organização - Associações Culturais e Desportivas (EGGERS, 1998, p. 3, 16) – e, quadros de formatura como elemento biográfico (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 1984, p. 25).

3 No Rio Grande do Sul, as ordens religiosas chegaram na segunda metade do século XIX. A Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, em 1876, e a Congregação das Irmãs de São José, em 1898 (VENTURIN, 2001, p.44). Era um momento de desenvolvimento econômico e de disputa do espaço educativo aquele em que se instalam colégios religiosos na região. Caracterizamos nesta nota, brevemente, os colégios onde coletamos a maior parte dos dados discutidos neste artigo. A coleta de dados de quadros e álbuns de formatura, entretanto, é bem mais ampla abrangendo instituições de ensino industrial, de ensino superior e de outros estados. Esta variedade de materiais possibilita comparações importantes. O Colégio São José, situado em São Leopoldo, mantido pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e da Caridade Cristã, foi fundado em 1872, tendo sido o primeiro colégio feminino mantido por congregação religiosa no Rio Grande do Sul. O Colégio Sévigné, da Congregação das Irmãs de São José, foi fundado em 1900, em Porto Alegre. O Colégio Anchieta, mantido pelos padres jesuítas, foi fundado em 1890, situa-se em Porto Alegre. A Escola Normal Rural La Salle, masculina, mantida pelos Irmãos Lassalistas, situa-se em Cerro Largo, interior do estado; o curso normal rural funcionou entre 1941 e 1972. Este texto é um produto de um projeto de pesquisa mais abrangente, por isto as referências a entrevistas ao longo do texto.

O suporte dos Quadros

Os quadros de formatura não são apenas fotografias de um conjunto de formandos, mas são *fotografias de um grupo de alunas(os)*, concluintes de um curso, *identificados individualmente*, compostas artisticamente em fundos e molduras decoradas, organizados numa totalidade – o quadro - referidas ao momento histórico e às propostas da escola, tendo como finalidade colocar-se como conjunto articulado, em exposição, nas dependências da escola.

As fotografias em suas propriedades – papel plano, em preto e branco – nas quais as pessoas fotografadas – alunos, homenageados, paraninfo – são representados em face e busto, homogêneos pela iluminação, dimensão, formato – geralmente ovais - pela vestimenta e pela posição, são articuladas, superando a redução aos indivíduos representados em cada uma delas isoladamente, rearticuladas num todo: o quadro de formatura. Tais quadros (início do século XX) são peças grandes - alguns com dois metros de altura -, agregando fotografias sustentadas em madeira pintada ou esculpida em relevo. Quando feitos em madeira pintada – sem esculturas em alto relevo, os mais antigos – portam grossas molduras de madeira esculpida e as pinturas empregam o preto, o branco e variados tons de cinza (Anchieta, 1909) ou coloridos pastel (Sévigné, 1928). Quando feitos de variados tipos de madeira, exploram esteticamente, texturas e tons de espécies diferentes. A ausência de elementos policromáticos não reduz a beleza das peças.

Raramente há um leve colorido nas esculturas em relevo, em especial, nos que representam escudos, bandeiras e emblemas nacionais ou do RGS (São José, 1935 e 1941; Sévigné, 1942). Há quadros com adereços em bronze, em geral letras e algumas imagens.

Não apenas esculturas, mas dizeres compõem a estética dos quadros de formatura. Os elementos escritos são identificadores da instituição escolar, da cidade em que a escola se situa, do ano de conclusão e sempre trazem o nome completo dos alunos, a cidade de origem, bem como dos professores homenageados e paraninfo, ancorando as imagens no social, no institucional, no tempo e no espaço.

Quadros como referência

Um quadro tradicional é um *original*: único e não multiplicável. Para distribuir quadros é preciso transportá-los de proprietário a proprietário. Os quadros devem ser *apropriados* para serem distribuídos: comprados, roubados, oferecidos. São objetos que têm valor enquanto objetos (FLUSSER, 1998, p. 67)

Embora o autor estivesse referindo a quadros como pinturas, interessa, neste momento, a referência a quadros de formatura como objetos, ou seja, os focalizamos como um traço da instituição, das pessoas, de projetos e temporalidades.

Há quatro características que identificam um quadro: uma *peça apreciável*, um *adorno*, algo *digno de tornar-se visível* e ainda, um quadro denota uma *unidade*. Um quadro proporciona uma *visão apreciável*. Não se expõe qualquer objeto, nem o que é tido como não estético. Mostra-se o que é digno de ser visto, o que causa admiração, o que é apreciável.

Por outro lado, um quadro é também um *adorno* do ambiente, agregando beleza, distinção ao espaço. Uma pintura, uma imagem torna-se um quadro por ser decorativo no espaço em que é colocado, por causar impressão de tranquilidade, harmonia no ambiente que ajuda a compor.

Um quadro também dá *visibilidade* à obra e seu autor, perdendo as características anteriores se escondido, não exposto à apreciação. Uma aquarela feita sobre papel, se montada em uma moldura torna-se um quadro e adquire dignidade. O quadro a apresenta como imagem e como autoria, dando visibilidade não apenas ao que está desenhado mas a quem o idealizou e compôs. Sendo com fotografias, um quadro dá a ver as pessoas fotografadas.

Um quadro de um casal de noivos torna visível a pessoa de ambos, o ambiente da foto e o casamento como um acontecimento. Mesmo expondo muitos elementos, um quadro é uma *unidade* e, com isto, traz uma mensagem. Da mesma forma, os quadros de formatura dão visibilidade às pessoas que passaram pela escola e ao acontecimento de sua formatura, adornam os corredores da escola e são uma *peça apreciável*, digna de ser guardada. Eles são um objeto cultural que tem uma intenção determinada: celebrar um fato notável, não cotidiano – a conclusão de um curso -, festejado como uma solenidade – a formatura marcada com vestes não usuais, postura estudada -, importante de ser lembrada.

Homens e mulheres: representando hierarquias, evidências e zonas de sombra

Os quadros de formatura hierarquizam. Alunos são homogeneizados em roupas, cabelos e poses, bem como na regularidade com que as fotos são distribuídas no conjunto do quadro. Em separado, e em fotos de maiores dimensões do que as dos alunos, estão homenageados e paraninfo, figuras ilustres, por isto, maiores, distintas e articuladas, como

grupo, em espaço diferente do de alunos. Esta segmentação destaca-os como admiráveis, ilustres, notáveis. Entre estes não se registra a mesma regularidade que a observada entre os alunos, nem em roupas, cabelos, expressões e posições.

Nos colégios masculinos os homenageados eram, muito comumente, religiosos e tanto seus retratos como o do diretor do estabelecimento, também religioso, figuravam nos quadros. Há casos, em colégio masculino, de homenagem póstuma a um professor da escola registrada no quadro, não apenas referida, em dizeres, mas incluindo a fotografia do falecido. Não há mulheres paraninfando turmas de formandos, ou seja, o lugar de patrono ou protetor de turma estava, na época, reservado a homens. Dentre paraninfos encontram-se o Diretor de Instrução Pública, Prefeito Municipal, embaixador, não sendo usual que professor da escola ocupasse essa posição. Os quadros da Escola Normal Rural La Salle trazem, a imagem do prédio da escola e, como exceção, um dos paraninfos era professor da escola. Na linha do excepcional, no Colégio Sévigné, também um professor figura como paraninfo.

Em colégios masculinos não há professoras mulheres homenageadas, apenas professores homens, religiosos ou leigos. Nestes casos os quadros de formatura reafirmam a exclusividade masculina: homens educando meninos e jovens e, os quadros como objetos que resguardam essa identidade. Entretanto, em nenhum dos quadros de escolas femininas há apenas fotografias de mulheres. Nesses há sempre um ou alguns homens como paraninfos ou homenageados. Não é incomum que, dentre os homenageados esteja uma imagem religiosa (Nossa Senhora Aparecida, Colégios Sévigné e São José, 1942). Os quadros do Colégio São José não mencionam a direção da escola e nem professoras religiosas figuram como homenageadas pois a congregação não permitia que as irmãs fossem fotografadas. Entrevistas com ex-alunas entretanto, referem relações de amizade e atenção de parte das religiosas para com as alunas. Nas entrevistas é evidente a presença marcante das religiosas as quais são referidas afetivamente e não os homenageados. Este detalhe sugere que os quadros que aqui estamos discutindo pertencem ao campo das memórias institucionais referidas a atos formais de um estabelecimento de ensino.

Os quadros Colégio Sévigné, trazem fotos de religiosas de hábito, tanto na posição de diretora como na condição de homenageadas.

Quadro de formatura: exposto ao publico ou uma fotografia

Os quadros de formatura nas instituições estudadas estão, na dimensão de *monumento*, desigualmente tratados. Na época em que foram construídos eram expostos em salas de visitas, em salões reservados para solenidades, em corredores. Hoje, expostos, existem poucos, embora algumas instituições os mantenham em corredores e áreas de circulação e assim asseguram sua funcionalidade de quadro. Outras, os conservam mas já não há atualmente espaço para eles serem admirados cotidianamente. Outras já os eliminaram não apenas da possibilidade de contemplação, mas os destruíram, deles guardando fotografias.

Ora, os quadros agenciam alunos em turmas e, quando expostos, indicam o agenciamento das turmas na instituição; os corredores, articulam, põem lado a lado várias turmas. Do conjunto de quadros pode-se, também inferir o fluxo de alunos da escola.

Os quadros de formatura, quando expostos, permitem aos ex-alunos da escola e às personalidades – homenageados, paraninfos -, se visitarem e contemplarem a si mesmos nos quadros, seja como figuras celebradas por tal ou qual turma, seja como formando(a), o que propicia a retomada da história pessoal no encontro com a história e o espaço institucional. Tais quadros e sua exposição pública explicitam redes de relacionamento pessoal e a importância institucional.

Quadros de formatura como *monumento*

Sendo o *monumento* (LE GOFF,1990, p.535) é uma obra comemorativa ou uma recordação importante a ser perpetuada, os quadros de formatura assumem estas duas dimensões. *Comemoram* a formatura, o alcance e conclusão de um projeto de formação, muitas vezes coincidente com a passagem para uma outra etapa da vida – entrada no mundo profissional, no ensino superior, abandono do internato ou do colégio que, mesmo freqüentado em meio turno, constituiu cenário da meninice e adolescência, parte do cotidiano e das memórias de aluno.

Por outro lado, os quadros de formatura *perpetuam* o grupo que se desfez com a conclusão do curso, mantém a presença do mesmo na instituição escolar, recordam a festividade de formatura pelo conjunto de atores que agrega, pelos trajes com que foram fotografados, pelas autoridades que legitimaram o momento e que também foram perpetuadas no quadro. Mantendo a memória do grupo, constituem uma *forma específica do mesmo estar e*

apropriar-se da instituição escolar. Fixam uma imagem positiva – o sucesso da conclusão do curso, o processo de formação, a educação recebida na escola – cristalizando o percurso da turma na escola. São alunos aprovados que configuram os quadros de formatura pois, entre eles, não há repetentes, nem reprovados.

A esta dimensão desigmo de *dimensão pessoal/grupal de sucesso*, pela qual os quadros de formatura atestam a performance acadêmica de cada aluno e da turma de colegas. Os alunos que obtiveram êxito, estão no quadro e, por meio dele reafirmam-se como pessoas de sucesso, permanecem na escola, apropriando-se do prédio, fixados em suas paredes, corredores e salas, lembrando à instituição que por ela passaram. Por meio desta dimensão os quadros de formatura transmitem a mensagem de que tais alunos marcaram a escola, tanto que nela permanecem afixados e expostos, mesmo estando dela ausentes. Os quadros de formatura assinalam um *ato pedagógico* e formativo anterior, sendo também um atestado,, para a sociedade, para as novas gerações e para os que permanecem na escola, o sucesso do empreendimento formativo da instituição, pelo menos junto aos grupos expostos nos diferentes quadros. Esta é outra dimensão, a *dimensão institucional de sucesso*. Assim os quadros de formatura são um indício e um testemunho indelével, da ação institucional e da missão educativa alcançada. Atuam também como exemplo pois fixam uma imagem (sucesso, completude na formação) e, constantemente expostos, instam aos seus apreciadores a também alcançarem seus objetivos. O figurativo dos quadros e o lema que muitos deles portam, atualizam a missão institucional e os compromissos históricos a que o estabelecimento respondeu ao longo do tempo. Refiro-me à presença de marcas de religiosidade e de civismo presentes nos quadros de formatura.

Como *monumento* os quadros de formatura são um sinal do passado.

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (LE GOFF, 1990, p. 536)

Os quadros de formatura operavam, pela exposição no ambiente escolar, como *monumento* para a memória coletiva. Nos momentos de festa escolar ou por ocasião das formaturas, quando os pais e familiares entravam na escola, os convidados usualmente, ao visitar o prédio apreciavam os quadros de turmas anteriores (detalhe obtido em entrevista). Portanto, *os quadros de formatura são monumentos que comemoram a conclusão do curso, perpetuam a memória do acontecimento e do grupo, são uma forma específica do mesmo*

grupo estar e apropriar-se da instituição escolar - dimensão pessoal/grupal de sucesso –, proclamam a presença institucional na memória coletiva e o sucesso da escola no alcance de seus objetivos e missão pedagógica -, dimensão institucional de sucesso. Assim, os quadros de formatura têm um significado social afirmativo para a escola e para o grupo de alunos formados. Ter sua fotografia incluída num quadro de formatura reafirma o capital cultural adquirido, o processo de formação vinculado à esta instituição, e não a qualquer outra, e o alcance dos objetivos propostos. Não há como negar, se figurante de um quadro de formatura, a filiação institucional.

Por outro lado, estar incluído num quadro de formatura e ter sua fotografia exposta nos corredores da escola é ter um atestado de que foi e é aceito neste estabelecimento de ensino e por ele está amparado e protegido. A identidade aluno/instituição é reforçada no quadro exposto nos corredores da escola. A notoriedade dos nomes dos alunos, do paraninfo e professores homenageados, a variedade de lugares de onde os alunos são naturais, confirmam a importância institucional e a abrangência de sua ação formativa, indicando em quantas cidades ela é conhecida.

Assim os quadros de formatura favorecem a que pessoas de várias gerações e com diferentes papéis introjetem a importância da instituição.

Quadros de formatura: comparações com outros documentos de registro da vida escolar

O quadro de formatura não pode ser reduzido às fotos isoladamente, nem a um álbum de fotografias em si.

Da mesma forma, os quadros de formatura não se reduzem à *ata de notas* ou a quaisquer outros documentos institucionais que registrem a conclusão de curso. Atas fazem parte da história institucional e dos documentos que, na escola, reafirmam a formação e a vida acadêmica dos(as) alunos(as). Entretanto, a ata de conclusão de curso registra o aproveitamento obtido, sem vinculá-lo à fisionomia de cada aluno(a), ou ao seu local de residência/nascimento; poder-se-ia dizer que são mais burocráticas e eficientes, menos estéticas e aristocráticas que os quadros de formatura, embora também a representem.

Os quadros têm maior poder simbólico do que as atas de registro de notas. As origens de cada aluno(a) são marcadamente enunciadas nos quadros pois cada um(uma)

tem nele pronunciado seu nome completo e o lugar de onde é natural – proveniência local e social.

As atas não expõem para a escola e para a sociedade, com imponência e beleza a conclusão do curso, a envergadura do ato final de encerramento da formação escolar e os testemunhos de autoridades e homenageados que presenciaram o evento de conclusão do curso, a notabilidade da pessoa escolhida como patrono, protetor ou paraninfo da turma. Tudo isso, entretanto, permanece articulado no quadro de formatura.

Um *diploma* também atesta a conclusão de curso, mas é um documento eminentemente individual, bidimensional e sem a possibilidade de ser exposto na instituição escolar que o outorgou. Se exposto em quadro, não traz a vinculação ao grupo de colegas nem aos homenageados e paraninfo. Como um documento em papel tem dimensões muito mais reduzidas que o quadro de formatura, embora muitos diplomas tenham ornatos que lembrem os utilizados nos quadros de formatura (livro, mapa mundi, por exemplo) e o texto do diploma indique de onde o diplomado é natural.

Os quadros de formatura, ao contrário, configuram para a memória coletiva a formatura e seu contexto de participantes e papéis.

Quadros de formatura: contextualização de valores da época

Além dos quadros noticiarem a formatura e esclarecerem participantes e papéis, segmentando autoridades de alunos e tornando a estes iguais, a moldura que enquadra as fotografias constituem cenas, denotando ora civismo e ora religiosidade, não sendo incomum que, num único quadro, figurem, integrados, estes dois elementos (Colégios Sévigné e São José, 1942).

Pode-se supor que o significado das molduras, entretanto, supere o do quadro em si. Em dois colégios há preservadas apenas parte de quadros, casos em que as imagens esculpidas eram de tanto impacto e significação para o estabelecimento que, mesmo destruído o quadro na parte que estruturava as fotografias, a escola mantém a parte esculpida. É o caso de um São José com o Menino, no Colégio Sévigné, patrono da congregação, e uma imagem do Padre José de Anchieta na barca, no Colégio Anchieta.

Muito comumente os quadros são decorados com esculturas que lembram instrumentos de estudo e leitura – mapa mundi, esquadro, pergaminho, compasso, livros -, elementos cívicos – bandeira do RGS e do Brasil, escudo nacional, escudo rio-grandense,

escudos, pira da pátria – e religiosos – imagem de santos, Nossa Senhora e Cristo. Chama a atenção o quadro de 1944 do Colégio São José de São Leopoldo composto por uma figura humana de aparência a um só tempo cívica e religiosa, com veste longa e coroa de louros na cabeça, em cujo braço esquerdo, erguido para o lado, deixa ver um grande escudo em cujo interior está o mapa do Brasil no qual estão implantadas as fotografias de homenageados e formandas. Em especial o convite de formatura desta turma mantém o mesmo desenho do quadro, deixando ver o escudo com nitidez. Por outro lado, a imagem do santinho, lembrança da missa de formatura, lembra também a figura esculpida no quadro. Tal como no quadro de formatura, o nome completo de cada formanda estava registrado no verso do santinho.

Um só quadro é decorado flores, muitos são enfeitados com detalhes de folhas de louro. Não os há também com paisagens e com animais. Os quadros de colégios masculinos são mais austeros, menos figurativos em seu conjunto que o de escolas femininas. Foge deste padrão o quadro de formatura do Colégio Anchieta do ano de 1909 no qual há uma mulher sentada de lado, com vestido longo e ombros de fora. Entretanto, de maneira geral, poderíamos dizer que estes quadros, independente do estabelecimento de ensino, apresentam uma aparência ordenada, sóbria e coerente.

Vestimentas

Identifica-se como elementos contextualizadores, ao lado da moldura e suas esculturas, os lemas inscritos nos quadros e a indumentária dos fotografados.

Nos quadros de colégios femininos, as formandas estão sempre de chapéu, o que não se verifica nos formandos de escolas masculinas, os quais vestem paletó e gravata, no mais das vezes gravata-borboleta, mas não trazem a cabeça coberta. As fotos de professores homenageados e paraninfos não mantêm um único padrão como as dos formandos(as) que olham para um mesmo lugar, inclinam a cabeça uniformemente e transmitem, em seu conjunto, um significado de alinhamento disciplinado.

Lemas

Um lema é um preceito escrito, figurando no dicionário também como um emblema ou divisa, uma sentença. Os lemas dos quadros de formatura são breves afirmativas escritas em latim ou português, breves mas marcantes em significado e, possivelmente recordáveis por serem diminutos.

Os lemas de colégios masculinos são, na maioria dos casos, em latim. Há cinco focos temáticos que predominam nos lemas dos quadros de formatura analisados neste trabalho: religião, ascese, sucesso, civismo e ciência. Ascese é uma idéia que se estabelece na relação com sucesso e religião.

Os lemas compunham, com as esculturas dos quadros, um contexto simbólico modelar para os(as) formandos(as), alinhados com as propostas formativas da instituição. Por outro lado, pela perspectiva de inspirador de futuro e da vida profissional, os lemas comprometiam os diplomados não apenas no momento da formatura, mas, enquanto o quadro se mantivesse exposto na escola, ele estava a relembrar o compromisso assumido no momento da diplomação. Ou seja, um lema como inspirador, impõe demonstração na vida prática. Um lema inscrito num quadro de formatura, sempre exposto à vista, tem um impacto mais permanente, como que relembrando seu conteúdo constantemente. Ao invés, um lema escrito num convite de formatura seu impacto se faz enquanto tal convite circula entre as pessoas e está à mão do formando. Quando se torna lembrança guardada, pode-se supor que perca seu impacto operativo.

De quadros de formatura a álbuns de fotografia: dissociando o grupo de formandos da instituição, multiplicando o quadro agora transformado em álbum, para consumo privado

Os quadros de formatura foram tão marcantes que sua estrutura permaneceu nos primeiros álbuns de fotografias das escolas estudadas e de outras na época.

Comparativamente, um álbum é uma redução se comparado a um quadro de formatura, apresentando, como vantagem, a acessibilidade não considerada de um ponto de vista institucional, mas privado, bem como pela mobilidade. É uma redução na dimensão, na característica de exposição e no significado de memória escolar. Se os quadros eram a memória institucional exposta nas paredes da escola, quase um relatório anual do cumprimento do papel social da escola, os álbuns, pelo menos os primeiros, afiguram-se como a memória da escola espalhada com as pessoas.

As páginas do álbum, mantendo uma decoração padrão do início ao fim, reduzem e reorganizam, no papel, todos os elementos que os quadros apresentavam. Este é o caso do álbum das bachareladas de 1936 do Colégio Sévigné que segue a mesma lógica e

seqüência de destaque e hierarquização de homenageados e paraninfos aos quais se seguem as fotos das diplomadas, em tamanho menor e ainda padronizadas. Cada folha encimada com um desenho repetido em todas as demais lembra a imponência dos motivos talhados em madeira dos quadros de formatura. Impresso também era o nome da aluna e o local de onde era natural.

Também o álbum de fotografias das Alunas Mestras da Escola Complementar Espírito Santo, Bagé, RGS, de 1940, segue esta estrutura, embora omita o local de origem de cada diplomada. Composto de fotos individuais coladas com cantoneiras de papel num álbum que intercala folhas de seda e de cartolina, nele apenas um traço em dourado enfeitava, como moldura, cada fotografia; o nome das formandas, em tinta branca, era assinado em cada fotografia. Este álbum chama a atenção por seu caráter artesanal. O Civismo está impresso na capa do mesmo que porta, em cores, o brasão nacional.

O álbum da Escola de Educação da Universidade do Distrito Federal, professoras de 1937, tem as seis primeiras páginas destinadas a paraninfo e homenageados (incluindo professores(as) do curso) seguido de fotos das alunas identificadas pelo nome e terra natal.

É de se supor que tivessem sido confeccionados tantos álbuns quantas fossem as alunas formadas em cada turma. O álbum equivalia, em imagens a um quadro de formatura, mas cada formanda poderia levar o seu para casa e vê-lo, lembrando a formatura e as colegas, sem se deslocar para a escola, como teria que ser feito no caso do quadro de formatura.

A produção em série desqualificava a reprodução que perdia em imponência e poder simbólico. Os primeiros álbuns de fotografia de formatura eram documentos que representavam a turma e a festividade da formatura mas demarcaram o início de um processo definitivo de descaracterização de ruptura da pertença do grupo de diplomados em relação à escola. Os álbuns inauguram a passagem das memórias de formatura para o âmbito do privado. É como se as lembranças daquele momento deixassem de ser possuídas pelas escolas, que mesmo tendo diplomado as alunas, na forma de quadro as mantinha sob seu teto, passando, quando álbum, do âmbito da história da instituição escolar para o âmbito das memórias pessoais.

Os quadros de formatura tinham um efeito instituinte marcante no perfil de formação tanto é que uma foto do Colégio São José registra um grupo de alunas sendo

fotografadas com quadros de formatura de turmas anteriores nas mãos. Este simbolismo não teria a mesma profundidade no caso de álbuns de fotografias.

O destaque aqui referido aos álbuns de fotografias e a quadros de formatura não significa que “fotografias espontâneas do cotidiano” não compusessem o acervo de recordações das pessoas e portanto de alunas na situação de formatura. Entretanto aqui destaco quadros e álbuns de fotografias referentes a formaturas e conclusão de curso como um fato da história institucional. Fotografias do conjunto de alunas no salão no momento de formatura, ou recebendo o diploma, na dinâmica da cerimônia, ou com seus familiares após o evento, existem e são um contraponto, para este estudo, pela abordagem particularizada do evento de formatura que propiciam.

Final século XX: livros, quadros e vídeos como registro da conclusão do curso

Atualmente há colégios em que as turmas de formandos se organizam e produzem recordações materiais para virarem monumento e marcarem a despedida como grupo. É o caso dos vídeos e *Livros de formandos*⁴. Estes livros são um tipo de revista compostos de fotografias individuais e em grupos da turma de concluintes, tiradas informalmente e em vários momentos de convivência. A facilidade da fotografia digital torna os álbuns que marcam as formaturas dos dias de hoje documentos ordinários na aparência, facilmente confundíveis com revistas de mercado. Não registram paraninfos, mas todos os professores que lecionaram para o grupo. Vídeos e livros apreendem elementos idiossincráticos da turma e de cada aluno, registrando-os. Estes livros marcam também um deslocamento progressivo da articulação dos alunos para com a instituição escolar, revelando a prevalência da sociabilidade que desenvolvem entre si na escola em comparação com símbolos e elementos institucionais. O que os jovens levam de recordação hoje da vida escolar é sua convivência e amizade.

Retomando a primeira citação de Flusser que introduziu este texto, “ Não é a ‘determinadas’ fotografias que estamos habituados. Trata-se de um novo hábito: o universo fotográfico habitua-nos ao ‘progresso’ ” (1998, p.82). Embora os quadros de formatura possam ainda estar em uso, especialmente para comemorar a conclusão de cursos de graduação mais disputados, seu impacto estático e identitário é diferente dos lavrados em

4 Organizamos um quadro detalhando as informações destes Livros de formandos do Colégio Anchieta (tamanho, conteúdo, colorido, símbolos do colégio).

madeira do início do século XX, não pelo suporte, mas especialmente pelo “ novo hábito de progresso”. Uma análise mais aprofundada deverá ser feita proximamente.

Referências

- CUNHA, Maria Teresa S. Centelha de Idealismo: *ser professora* nos discursos de formatura do Curso Normal. IN: SCHEIBE, Leda, DAROS, Maria das Dores (org.) **Formação de professores em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/CED, 2002. p. 71 – 91.
- CHAMON, Carla Simona. **Festejos imperiais**: festas cívicas em Minas Gerais (1815 – 1845). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- EGGERS, José Carlos. **Sociedade Orpheu**. São Leopoldo: Sociedade Orpheu, 1998.
- FLUSSER, Vilém. **Fotografia: para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D’Água, 1998.
- GREIMAS, A. Julien, COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- MCLAREN, Peter. **Rituais na Escola**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- NASCIMENTO, Carla D’Lourdes do, DANIEL, Leziany Silveira. Instituto de Educação de Florianópolis e os Intelectuais Catarinenses na década de 40. IN: SCHEIBE, Leda e DAROS, Maria das Dores (org.) **Formação de professores em Santa Catarina**. Florianópolis: NUP/CED, 2002. p. 53 – 70.
- PAULO, João Carlos. Imagens e história da educação: propostas de reflexão teórica e metodológica. IN: MAGALHÃES, Justino (org). **Fazer e ensinar história da educação**. Braga, PT: Universidade do Minho, 1998. p. 121 – 146.
- PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. IN: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 319 – 342.
- SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. IN: LOMBARDI, José Claudinei, NASCIMENTO, Maria Isabel (org). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 3 – 12.
- SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena M.B., COSTA, Vanda R. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- VENTURIN, Teresinha. **Formação religiosa para o século XXI**: freira, mulher, cidadã. Petrópolis: Vozes, 2001.
- WERLE, Flávia O C. História das instituições escolares: de que se fala? IN: LOMBARDI, José Claudinei, NASCIMENTO, Maria Isabel (org). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 13 – 35.